

Barcelona, 19 de julho de 1936



Um vislumbre do outro lado

Albert Metzger
Miguel Garcia
Tranquillo (Giuseppe Ruozzi)
Vedetta

**Danças das Idéias
2025**

Barcelona, 19 de julho de 1936

Um vislumbre do outro lado

Albert Metzger
Miguel Garcia
Tranquillo (Giuseppe Ruozzi)
Vedetta

Danças das Ideias
2025

Edição original:

Barcelona 19th July 1936

A glimpse into the elsewhere

Albert Meltzer, Giuseppe Ruozzi, Miguel Garcia, Vedetta

history, Spanish revolution

1982

Cienfuegos Press 1982.

<https://archive.elephanteditions.net/library/barcelona-19-july>

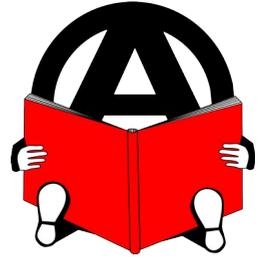
Notes: Miguel Garcia's Story. Edited by Albert Meltzer.

Cienfuegos Press 1982.

L'Adunata dei Refrattari Vol. XV, no. 33 of 22 August 1936

L'Adunata dei Refrattari Vol. XV, no. 34 of 29 August 1936

from Barricate e Decreti Spagna 36–37 La Rivoluzione Infranta. GRATIS editions



tradução livre por Dança das Idéias

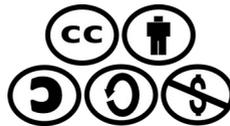
revisão Fenikso Nigra

diagramação Barricada Libertária

Campinas/SP-Brasil, 2025

<https://anarkio.net>

e-mail: lobo@riseup.net



Barcelona, 19 de julho de 1936

Um vislumbre do outro lado

Anarquismo e a Greve Geral

Miguel Garcia BARCELONA É NOSSA!	07
Tranquillo (Giuseppe Ruoizzi) 19 DE JULHO EM BARCELONA	24
Vedetta CARTAS DA ESPANHA	29
Notas	34

Um vislumbre do outro lado de uma reviravolta tão grande que é inimaginável, onde certezas são varridas em um instante e a própria vida assume uma intensidade frágil. Esses relatos contêm um grão de tudo o que é possível prever da luta final pela liberdade e outros aspectos que jamais poderiam ter sido sonhados em nossos piores pesadelos. Eles informam, inspiram, mas também alertam: precisamos reconhecer os inimigos da liberdade e da auto-organização nos caminhos que trilhamos, cegos por nossa iconografia do inimigo que também está bem ao nosso lado e nos chama de camaradas, ainda que sibilado entre dentes.

Com amor em nossos corações.

* * * * *

A maioria dos trabalhadores correu para os salões sindicais da CNT e de lá, geralmente com nada mais do que trabalho e ferramentas domésticas — machados, machados, facas — cercaram o prédio do governo militar. Aos 28 anos, veterano de muitas lutas, Miguel reuniu seus amigos na Plaza Real e eles correram na outra direção, subindo as Ramblas em direção à rica Barcelona, invadindo as lojas de armas. Eles coletaram uma formidável leva de armas de uma lista preparada de lojas de artigos esportivos e então foram para a Praça Colombo. (Um momento tenso quando eles passaram por um esquadrão armado da Guarda Civil: ir para a frente ou para trás era um convite para levar um tiro nas costas. Eles passaram desafiadoramente, gritando os slogans da CNT. A Guarda fez a saudação. Era leal à Frente Popular — não a ponto de marchar até a praça para lutar contra os rebeldes fascistas, mas a ponto de obedecer passivamente a qualquer governo que fosse.) Albert Meltzer.

* * *

...até mesmo os padres e frades não tiveram piedade ao metralhar as pessoas em seus conventos e igrejas. Um homem gravemente ferido teve que permanecer no chão por longas horas sem qualquer assistência porque as enfermeiras do hospital próximo foram alvejadas das janelas de um convento e tiveram que suspender os esforços de resgate. As pessoas acabaram perdendo a paciência e incendiaram todos os conventos e igrejas. A catedral foi salva, mas o palácio do bispo foi incendiado. O fogo

purificador durou vários dias, enquanto a alegria do povo continuava. Pelo menos nove décimos das igrejas e conventos de Barcelona agora não passam de ruínas. Tranquillo.

* * *

...sintomas alarmantes se anunciam. A começar pelas notícias que temos, com certa frequência, de atos de vandalismo, fraude ou extorsão, inclusive praticados em nome da CNT e da FAI , esta última organização, a Federação Anarquista Ibérica, publicou no jornal Tierra y Libertad de 30 de julho, com milhares de exemplares afixados e distribuídos pela cidade, um cartaz que se poderia pensar ter sido afixado na delegacia de polícia e uma declaração de guerra contra os pequenos e grandes criminosos em questão, contra os quais, sem dúvida, se impõe a pena de morte por fuzilamento. Vedetta

Miguel Garcia

BARCELONA É NOSSA!

BARCELONA É NOSSA! Era o que gritavam no final daquele dia agora famoso, 19 de julho de 1936. Por toda parte, a bandeira preta e vermelha da CNT tremulava. As bandas tocavam nas Ramblas. O povo delirava de excitação. Eles haviam revidado contra o fascismo mundial e o deixado em choque.

Foi na véspera que a notícia, tão esperada, chegou. O Exército havia decidido tomar a República. Estava dando um golpe de Estado. A Falange declarava que aquela era a hora em que a Espanha seria transformada em um Estado fascista. Tínhamos lido com horror, durante três anos, sobre as atrocidades sem precedentes na Alemanha. O terror contra oponentes políticos, o pogrom lançado contra os judeus, a transformação do país em um Estado de Guerra. Sabíamos que os generais da Espanha não hesitariam em nada disso, no que nos dizia respeito. Eles haviam sido ensinados com tanta certeza que o povo era "escória" quanto os nazistas haviam ensinado que os judeus eram "inferiores". Não havia misericórdia a ser obtida deles. Liderados pela Falange, eles representariam uma força maior contra nós do que jamais havíamos conhecido.

Eu tinha combinado de encontrar alguns amigos do movimento sindicalista naquela noite de sábado. A maioria deles era do sindicato dos transportes. Como muitos outros na cidade, eles tinham seus próprios planos formulados às pressas ao longo do dia. Eu disse a eles. Eu contaria outros no sindicato da gastronomia. Seu salão ficava perto do Gabinete do Capitão-General, ao longo do porto, perto das Ramblas. Da varanda, dava para ver a Capitania. Dava para avistar o porto e a Escola Naval, perto da via Layetana, e, à direita, com vista para o mar, ficava o Governo Militar, em frente ao quartel de Atarazanas.

Mais a oeste e em direção à parte mais nova da cidade ficava a Plaza de Cataluna, um enorme passeio ao ar livre; elevando-se acima da cidade antiga ficava o Monumento a Colombo, uma grande torre com uma cúpula no topo, de onde a cidade antiga podia ser vista.

Rumores circulavam quando cheguei à sede do sindicato na manhã de domingo. Muitas pessoas caminhavam pelas ruas como se sentissem ter visto sua última noite de paz em muitos anos — para algumas delas, para sempre. O Exército

precisava agir logo, sentíamos. E desta vez não poderia ser como em 1934, quando os acontecimentos passaram batidos. A imprensa de direita não escondia que queria um Estado fascista. Elogiavam Mussolini e Hitler diariamente. O fascismo clerical da Áustria os deixava em êxtase. Mas que chance temos nós, diziam alguns. A guarnição de Barcelona guarnecia os quartéis que cercavam a cidade. Eles poderiam cercar a cidade em um piscar de olhos e tomar tudo. "Desta vez, eles precisam armar o povo", dizíamos. "A república não pode escapar desta vez. Eles precisam nos dar armas ou morrer eles mesmos."

Mas ninguém acreditava que eles nos dariam armas. O histórico dos líderes republicanos era contrário a isso. Eles apelavam à lealdade do Exército; confiavam na polícia de assalto e nos carabineiros. Estes últimos (oficiais da alfândega uniformizados) sempre permaneceram leais a eles, enquanto a polícia de assalto era uma criação sua — criada para lutar contra os trabalhadores, agora contando com a cooperação deles. Mas as forças estatais que permaneceram leais não substituíam um povo armado, e a isso eles queriam resistir.

Alguns trabalhadores da CNT, no entanto, decidiram que não desistiriam sem lutar. A seção mais forte de resistência era o sindicato dos transportes. Um grupo de nós, da seção de alimentação, decidiu ir até a cidade velha para tentar organizar uma invasão a um depósito de armas. Assim, alguns de nós conseguiriam armas. Quando descemos a Rambla, no entanto, não encontramos transporte disponível. Um motim havia começado.

"Morte ao fascismo", gritavam as pessoas. "Enforcem os generais!" Pedras foram atiradas, vitrines quebradas. Uma multidão se reuniu, os gritos aumentaram, as pessoas ficaram mais ousadas. Arrombaram portas de lojas, saquearam o que puderam, apreenderam o que puderam carregar, invadiram caixas registradoras, lutaram entre si pelos melhores produtos. Nós cinco, que tínhamos decidido participar do ataque armado, ficamos ali assistindo. A polícia não chegou. A multidão ficou mais barulhenta, uma loja de vinhos foi arrombada.

Pulei num carrinho de mão e comecei a discursar. "Não é assim que se combate o fascismo. Só existe uma maneira: com armas. Deixem de lado os brinquedos da burguesia e venham saquear os arsenais!"

Ouviu-se um grito de aclamação. Meus amigos e eu os levamos a uma loja famosa chamada Beristain, onde os ricos costumavam comprar suas Remingtons e Winchesters, armas de caça e revólveres. A multidão batia na porta gradeada... Eles a arrombaram. A maioria tentou se apoderar das caixas registradoras. Meu grupo forçou a entrada e começou a se armar. Peguei uma Remington nova e cara e enchi os bolsos de munição.

Meus amigos pegaram Winchesters. A multidão começou a se acalmar. À luz dos postes de luz, eles nos viram nos armando propositalmente. Pararam de saquear por dinheiro e começaram a lutar por armas. Cada arma disparava, cada cartucho de munição. Os homens agitavam suas novas armas e aplaudiam. Antes, eram uma turba indisciplinada. De repente, sentiram um novo poder. Vieram saquear, voltaram para lutar. Nas 24 horas seguintes, muitos deles morreriam.

Fui para casa esconder minha arma e munição. Não queria desfilar pelas ruas com ela no ombro até que chegasse a hora. Quando minha mãe me viu entrar, arma na mão, caminhou até mim. Mas não protestou. Lembrei-me de como ela tantas vezes tentara persuadir meu pai a desistir da militância. Ela sorriu para mim. "Cuide-se, meu filho", disse ela. Dei-lhe um beijo e disse para não se preocupar. Voltei para a sede do sindicato dos restauradores de arte.

Mostrei meu cartão e entrei. Havia muita gente lá, todos discutindo animadamente os acontecimentos. O Exército havia se rebelado em toda a Espanha. A República apelava por lealdade. Os dois principais sindicatos, a CNT e a UGT, haviam convocado uma greve geral em todos os lugares onde os rebeldes estivessem no poder. Exigiam resistência armada ao fascismo.

Por toda Barcelona, ocorreram incidentes como aquele em que participei. Os membros da FAI decidiram se armar. Sabiam que ninguém jamais lhes daria armas. Na multidão no salão, armas eriçadas. Mas muitas eram revólveres antigos e apenas alguns haviam conseguido rifles dos depósitos de armas da cidade. Ouvimos tiros, disparos de metralhadora, tiros de fuzil e gritos à distância. Eram sete da manhã do dia 19 de julho, já quente. A cidade se agitava e se transformava.

Eu tinha minha pistola comigo. Decidi que precisava do meu rifle. Reuni alguns amigos e decidimos sair e descobrir o que estava acontecendo. Ninguém mais estava resistindo além de nós. Os membros da UGT permaneceram impassíveis em

seus salões. Os socialistas escreveram manifestos. Eu corria para casa e pegava minha arma. Abri a porta do prédio do sindicato e olhei para a enorme porta dos fundos, de madeira maciça reforçada com ferro, da Capitania-Geral, do outro lado da rua Merced. Havia cerca de 200 homens nos aposentos do Capitão-Geral. Alguns eram oficiais de estado-maior, o restante, tropas armadas. Na ponte que liga a Capitania-Geral à Igreja de Merced, vi soldados — a poucos metros do nosso prédio. Virei-me para falar com o homem atrás de mim, que carregava uma das poucas carabinas na sala.

"Coloque-a na perna da calça. Os soldados vão atirar em você daí se virem." Mas ele tinha orgulho da sua arma e não quis ouvir.

"Sigam-me, corram", gritei, saindo correndo do prédio, passando por baixo da ponte e dobrando a esquina, a salvo da linha de fogo deles.

Ouvi um grito: "Largue essa arma". Então ouvi um tiro.

Corri de volta. O homem com a carabina estava caído, encolhido, na rua, com a arma a poucos metros de distância. Ele gemia de dor enquanto a perna sangrava. Ele havia sido baleado por soldados na ponte. Olhei para o policial que estava lá. "Ele está ferido — posso levá-lo à clínica?"

"Sim", disse o oficial, "mas entregue a carabina dele. Coloque-a perto da porta." Colocamos a carabina dele perto da porta, embaixo da ponte. Ela se abriu, a arma foi apreendida e a porta fechada. Passamos com ele rapidamente por baixo da ponte até um posto de primeiros socorros usado pelos estivadores. Ele foi o primeiro homem do meu sindicato a ser ferido.

Agora havia muita gente nas ruas, armas aparecendo por toda parte. Mulheres também. Eu não podia esperar mais. Pedi ao meu amigo para esperar no posto de primeiros socorros e corri para casa, peguei minha Remington e toda a minha munição e me juntei a ele novamente.

A essa altura, a batalha já havia começado. O sindicato dos transportes estava lotado. Lá, os trabalhadores do transporte se reuniram, vindos de todas as partes da cidade. Durruti e Ascaso estavam lá, tentando organizá-los em grupos de choque, enquanto outros trabalhadores se juntavam a eles. Trabalhadores da restauração chegaram, alguns de branco, vindos das cozinhas, alguns dos restaurantes nas ruas estreitas ou dos cafés nas Ramblas, das padarias e matadouros, alguns com cutelos e longas facas de cozinha. Eles pretendiam defender o prédio com suas vidas. Parecia

uma tarefa impossível. Cada vez que um de nossos combatentes tentava sair correndo e fazer uma pausa, arma na mão, para assumir uma posição de onde pudesse atirar nas tropas, ele era abatido.

Um caminhão blindado, improvisado às pressas pelos ferroviários, avançou pelas Ramblas em direção à vazia Plaza de Catalunya para desafiar o controle das ruas. Havia corpos por toda parte, e as balas disparadas zumbiam e ecoavam pelas ruas.

Não havia como entrar na Capitania. Era preciso dar uma longa volta pelas Ramblas e pelas ruas laterais para chegar à porta dos fundos. Mas também havia homens armados protegendo a rua.

Ouvia-se o som de tiros de metralhadora vindos de perto. Vinha da cúpula do Monumento a Colombo. Havia um fascista lá em cima, com uma arma e munição, dominando os espaços abertos da parte antiga da cidade. Estava a trinta metros de altura e bem protegido. Pessoas agachavam-se nas portas, atirando nele. Mas qualquer tentativa de aproximação foi frustrada. Os atiradores foram abatidos.

Ao nos juntarmos aos atiradores, ouvimos a notícia de que Francisco Ascaso havia sido abatido e morto em combate. Ele havia morrido quando ia negociar a rendição do Quartel Atarazana, que ostentava uma bandeira branca. Ele era amado e respeitado em toda a cidade, e sua morte foi recebida como um golpe pessoal. Combatentes resistentes, que haviam passado por momentos difíceis de batalha de uma forma ou de outra com esse mesmo inimigo muitas vezes, choraram ao ouvir a notícia. Todos estavam furiosos. À medida que a notícia de sua morte se espalhava, a raiva deles aumentava. Muitos haviam seguido o mesmo caminho. Desta vez, diziam, o resultado seria diferente.

Meu amigo, Angel, que estava comigo, me puxou pelo braço. "A luta principal parece ser na Plaza de Cataluña. É lá que seremos mais necessários. Há muitos agora para defender o prédio do sindicato."

Foi assim, completamente sem rumo. Fomos pegos desprevenidos. Mas estávamos todos determinados a agir sob nossa própria responsabilidade. Angel e eu seguimos pela Rambla, desviando de árvore em árvore quando nos aproximávamos da praça, enquanto as balas voavam na grande batalha. Homens jaziam mortos nas ruas e sob as árvores, abatidos por atiradores militares dos telhados ou por soldados na praça. Felizmente, conseguimos chegar à praça sem sermos atingidos. Deitei-me atrás de uma

árvore com meu rifle, tentando descobrir o que estava acontecendo. Tudo estava confuso, havia gritos, berros e tiros de metralhadora.

Vi muitos homens abatidos. Fascistas — civis apoiadores do Exército — e um punhado de soldados defendiam a central telefônica, de onde os operadores haviam fugido. Houve um intenso tiroteio. Do outro lado da praça ficava o clube dos oficiais, onde uma seção das tropas estava estacionada. Eles tinham uma metralhadora no corredor do clube e estavam varrendo a praça com fogo. Homens tentavam se abrigar atrás de mulas mortas na praça. Não havia nada na praça, nem uma árvore, para me proteger. Mas comecei a atirar, em parte para me acostumar com meu novo rifle e em parte para manter as cabeças dos fascistas abaixadas na central telefônica.

Angel e eu corremos para os fundos da central telefônica. Do Hotel Columbus, do outro lado da praça, vieram mais tiros. De nossa cobertura, reunimos alguns homens ao nosso redor para marchar em direção ao hotel. Enquanto marchávamos, paramos subitamente.

A rua estava lotada de Guardas Civis. Lá estavam eles, nosso velho inimigo, 400 deles, armados com armas automáticas e rifles. Todos nos sentíamos mortos. Esperamos que atirassem. Mas eles não o fizeram. Acenaram para que continuássemos. Eu marchei lentamente, meu grupo me seguindo. Pensamos que seríamos baleados pelas costas. Mas estávamos enganados. Eles eram aliados. Eles permaneceram leais ao governo republicano. Era difícil imaginar que agora tínhamos amigos tão novos. Foi assim durante os primeiros dias da guerra civil. Houve uma mudança nas alianças. Nem sempre era possível reconhecer o inimigo.

Entramos no prédio atrás do Hotel Columbus. Era um prédio de apartamentos, com um banco no térreo. Subi correndo o primeiro lance de escadas, corri para a primeira porta e vi três homens armados com pistolas. Eles foram pegos de surpresa e se renderam. Havia um pequeno posto lá com pistolas e granadas. Alguns dos homens que estavam comigo queriam atirar neles. Eu os impedi. Em vez disso, trancamos a porta na cara deles, depois de desarmá-los. Quando saímos, Angel jogou a chave fora.

Éramos agora nove, todos armados. Subimos para o terraço com vista para o Hotel Columbus. Fascistas no hotel gritaram para não atirmos, justamente quando eu me preparava para jogar uma das granadas que acabara de pegar do apartamento de baixo. Gritamos por cima do barulho dos tiros.

"Nós nos renderemos, mas não a vocês", gritou o porta-voz. "Apenas à Guarda Civil."

"Certo", eu disse. "Parem de atirar e vamos buscar a Guarda Civil." Descemos até a rua e fomos até o coronel encarregado das duas companhias da Guarda Civil. Eu lhe disse que o posto rebelde no Hotel Columbus se renderia a ele, e ele ordenou que seus homens entrassem na Plaza de Cataluña para que pudesse aceitar a rendição na escadaria da frente.

Mas quando os guardas marcharam para a praça, à vista da central telefônica, houve uma grande explosão de tiros. Os guardas se jogaram no chão — nós também. Então, abriram fogo com seus modernos rifles Mauser, as melhores armas disponíveis na Espanha. Disparei alguns tiros com meu Reminton, mas o alcance era muito grande.

O tiroteio cessou repentinamente. Os guardas entraram no hotel e desarmaram os rebeldes. Então, a central telefônica parou de disparar. Um esquadrão de policiais uniformizados marchou e levou os fascistas embora. Os rebeldes em Barcelona começavam a perceber que haviam provocado um vespeiro. Todo o povo estava contra eles. Temiam cair nas mãos dos trabalhadores e preferiram se render às forças do Estado que conheciam e que sempre estiveram do seu lado.

A metralhadora também parou de disparar contra o clube dos oficiais. Havia paz na praça, quebrada apenas pelos gemidos de um homem ferido que jazia atrás de um pequeno carro que havia sido jogado para dentro da praça e capotado, servindo de barricada.

Fui com meu grupo ao clube dos oficiais. Reconheci o jovem oficial responsável, que morava perto de mim. Ele entregou sua pistola aos policiais uniformizados. As mulas mortas na praça estavam puxando uma pequena carroça de quatro rodas, e a polícia a arrastou até o clube dos oficiais e ordenou que os soldados jogassem suas armas nela. Observei e vi um soldado com uma Mauser novinha em folha. Pedi a ele que me entregasse.

Ele recusou. "Você não é um policial republicano. Você é um da ralé." Agarrei sua arma e lutamos por ela. Acertei-o com a coronha da minha pistola e ele a soltou. Então, ordenei que tirasse a bandoleira, que continha 150 cartuchos de munição. Ele obedeceu. Joguei minha Remington para um dos meus companheiros, prendi a

bandoleira no ombro e olhei ao redor. Era assim que nosso movimento estava se armando naquele dia fatídico. Em nenhuma parte da Espanha o governo nos deixaria ter armas. No entanto, enfrentava o perigo mortal do Exército e o perigo da intervenção estrangeira. O que tínhamos, tínhamos que tomar para nós mesmos.

Perto do porto, houve gritos. Peguei um carro ali perto, bem pequeno, e quatro de nós entramos. Percorremos cerca de um quilômetro até o porto, passando por grupos de pessoas correndo, brandindo pistolas e gritando sobre seus vários sucessos por toda a cidade. Nos veículos, havia a inscrição "CNT-FAI" escrita a giz. Parte da cidade estava agora nas mãos do povo. A polícia uniformizada havia decidido ficar perto da República. Não confiávamos na Guarda Civil. Ouviam-se gritos irônicos de "Vida longa à República" enquanto eles passavam. Eles eram uma força militar que se aliava ao lado mais forte, mas sempre estiveram contra nós. Embora, em geral, não tivessem tomado partido, todos acreditávamos que eles se juntariam à junta dos generais.

Ao chegarmos ao porto, encontramos outra multidão atrás do prédio do Governo Civil. Em frente a eles, havia um grande espaço aberto que levava ao porto. À esquerda, ficava a Escola Naval e, à direita, a Capitania-Geral. Da sacada do primeiro andar desse prédio, havia um ninho de metralhadora. Era impossível se aproximar. O ataque aos prédios importantes ao redor da Capitania-Geral foi interrompido por causa desse posto avançado.

Nosso grupo no carro avaliou a situação. Vimos que alguma artilharia leve estava alinhada a cerca de 1.500 a 2.000 metros da Capitania-Geral. Elas haviam sido trazidas para lá como suprimentos para os soldados, mas as tropas haviam sido expulsas. As armas estavam lá. Eram de 75. Se conseguíssemos alcançá-las, conseguiríamos destruir o ninho de metralhadoras com um único disparo com mira aberta.

Contei o plano aos meus amigos. Dirigiríamos o carro em alta velocidade para o abrigo da Escola Naval. Então eu correria para a linha de armas. Começamos. O carro foi como o inferno, mas a 25 metros da cobertura da escola, a metralhadora nos pegou. O motorista foi gravemente atingido na perna. O motor foi atingido. Eu pulei para fora da porta traseira e corri para as armas. Deslizei para trás da mais próxima de mim e me abriguei atrás do escudo de armas enquanto o artilheiro me rastreava no

espaço aberto. Eu estava apavorado. Ao mergulhar para me proteger, senti uma facada repentina. Fui ferido na perna. Puxei a perna da minha calça e limpei o sangue. Mas não era um ferimento de bala. Apenas um pedaço de pedra voando. Nada de importante.

Procurei pelos canhões. Em vão. Havia quatro canhões, mas nenhum projétil. Enquanto eu me agachava, o metralhador da sacada da Capitania varreu a linha de canhões, percebendo o perigo se tivéssemos projéteis e pudéssemos revidar. Fiquei sentado ali, protegido pela base do canhão, por quinze minutos, incapaz de me mover, o canhão disparando contra mim o tempo todo, com rajadas ocasionais espalhadas pelo espaço aberto para repelir os grupos que, aqui e ali, tentavam fazer um ataque frontal.

De onde eu estava, eu podia ver o carro destruído que tínhamos tomado. Um dos nossos amigos estava caído na rua perto dele. Os outros do grupo estavam deitados no abrigo da escola. Apenas um de nós tinha um rifle com ele. Não podíamos fazer nada. Então, de repente, depois de quinze minutos, o metralhador deve ter decidido que eu estava morto. Ele mudou de alvo e começou a atirar em outro lugar. Corri através do espaço aberto para os muros da Escola Naval e me juntei aos meus amigos e outras pessoas deitadas lá. Eu disse que precisávamos proteger nosso amigo. Nós rastejamos para fora novamente do espaço aberto, o pegamos de volta para a escola. Ele foi colocado em outro carro e levado para o hospital. Nunca mais o vi. Não sei o que aconteceu com ele.

Começamos a discutir nosso próximo passo: "Vamos voltar para o nosso sindicato e ver como as coisas estão indo", eu disse. Talvez, também, decidimos, pudéssemos descobrir lá se a Capitania-Geral poderia ser tomada pela retaguarda. Corri, protegido pela Escola Naval, para uma galeria de onde se podia ver a metralhadora, mas protegido por pilares. Lá, tive uma visão impressionante. Descendo a via Layetana, perto dos Correios e a uns cinquenta metros de mim, estava outro canhão de 75 mm, puxado por um dos homens mais importantes do porto, Manuel Lecha.

Foi aclamado com alegria, e Manuel ganhou naquele dia o apelido de "o Artilheiro", que nunca abandonou e pelo qual passou a ser carinhosamente conhecido

em Barcelona. Nos reencontramos muitos anos depois. Ele foi julgado comigo em 1952.

Gritei para ele levar a arma para o fliperama para que pudéssemos silenciar a metralhadora.

"Eu sei, eu sei", disse ele. "Espere, espere. Isso não é uma pistola de brinquedo, eu vou!"

Manuel colocou a arma no abrigo da elegante arcada. Ela rugiu e uma parte de um pilar de mármore próximo foi escavada. Essa cratera pôde ser vista por muitos anos.

O segundo tiro foi certo. Acertou a metralhadora em cheio. Imediatamente, o Capitão-General, um homem chamado Goded, rendeu-se. Foi um grande sucesso para nós. Estávamos desorganizados, apenas indivíduos que se juntaram à luta sem ordens superiores — ele era o chefe das forças armadas em Barcelona. Qualquer ataque conjunto ao povo de Barcelona seria comandado por ele e sua equipe. Mas havíamos cortado a cabeça do tigre. Depois de algumas semanas, quando a ordem foi restaurada em Barcelona, este Goded e outro general foram executados após serem considerados culpados por alta traição em um tribunal militar. Ele obedecera às ordens da junta dos generais, à frente da qual estava o General Mola. A conspiração do Exército, de fato, fora liderada pelo General Sanjurjo, com Mola logo em seguida na hierarquia. Ambos morreram em acidentes de avião logo no início da guerra civil. Goded estava claramente em estado de traição ao governo que jurara proteger. Ele foi baleado. Mas naquele momento, após sua rendição, foi entregue à polícia.

A área portuária ficou muito mais silenciosa após a rendição de Goded. Havia enormes multidões aglomerando-se em frente à casa do Capitão-General, vaiando e aplaudindo enquanto os soldados eram retirados e desarmados.

Enquanto isso, o Governo Militar se rendeu aos Guardas de Assalto da polícia republicana. Marchamos todos até o QG do Exército e descobrimos que cinco oficiais do exército estavam sendo protegidos pela polícia. A multidão os exigiu e ameaçou a polícia de que os levaria à força. Eles queriam vingança pelos assassinatos do dia. Percebendo que estavam em menor número, os Guardas de Assalto entregaram os oficiais. Nós os levamos ao sindicato dos transportes para julgamento.

Tivemos uma reunião no andar de cima, juntamente com membros do sindicato dos transportes. Subi para perguntar o que deveria ser feito com os policiais. Eu não queria levá-los, mas como era a vontade da multidão, achei melhor que o sindicato cuidasse deles. Enquanto conversávamos, no entanto, ouvimos tiros. Corri escada abaixo e descobri que os policiais haviam sido mortos pela multidão crescente lá embaixo, muitos dos quais amigos e parentes haviam morrido na rebelião. Senti-me mal com isso. Aqueles homens haviam sido fuzilados a sangue frio. Não era nossa maneira de fazer as coisas. Mas era impossível falar com a multidão. "Barcelona é nossa!", gritavam. "Eles não nos matarão como sempre gostaram de fazer!"

Angel e eu saímos, onde vimos Buenaventura Durruti. Ele não tinha visto o que estava acontecendo, mas a multidão logo se reuniu ao seu redor, pois ele tinha uma personalidade marcante, e já era considerado um general do povo, que transformaria essa massa desorganizada em uma força de combate que salvaria a Espanha de seus inimigos.

Angel, que era operador de bonde, conhecia Durruti muito bem, pois ambos pertenciam ao mesmo sindicato de transportes (Durruti era ferroviário) e ambos haviam participado do Comitê Nacional da CNT. Ele começou a falar com Durruti quando soubemos que a metralhadora no topo da cúpula havia parado de disparar.

"Nós iremos até lá se vocês segurarem a multidão", disse Angel. "A praça está vazia. Talvez o atirador tenha desistido." Ele concordou, e nós seguimos. Tudo estava em silêncio na praça. Caso os tiros recomeçassem, nos abrigamos atrás de um terminal de bonde destruído. Então vimos que uma bandeira branca estava hasteada no Quartel Atarazanas, a mesma que a havia hasteado pela manhã e que então — por acidente ou de propósito — atirou em Ascaso quando ele se adiantou para conversar. Não tínhamos certeza se deveríamos nos aproximar ou não. Mas a grande praça estava exposta. Estávamos na linha de fogo deles de qualquer maneira. Nos aproximamos cautelosamente.

Um jovem alferes de óculos (um tenente cadete, equivalente no Exército a um aspirante) pediu rendição.

"Certo", dissemos. "Vamos voltar para o Columbus e quando chegarmos lá você pode sair."

Ao retornarmos à Rambla, vimos a multidão aguardando ansiosamente. Um tiro soou de algum lugar. Coloquei um lenço no meu rifle e gritei desesperadamente para Durruti, pois o tiro havia sido o sinal para toda a multidão na porta do sindicato abrir fogo. "Segure-os!", gritamos. Foi por isso que Barcelona proliferou com siglas. Não foi apenas uma explosão de entusiasmo sectário que nos induziu a todos a mostrar nossas cores e filiação. Caso contrário, deveríamos estar atirando uns nos outros em vez de no inimigo.

Eles soltaram um grande rugido quando viram o alferes.

"Levem-no para o sindicato", disse Durruti. "Francisco não pode ser ressuscitado..." Mas ele já havia perdido completamente o controle da multidão. O oficial, que até então se mostrara arrogante, começou a tremer. Chorava. Era apenas um menino. "Nós nos unimos para defender o povo", começou. Houve uma explosão de riso que abafou o que Durruti tentava dizer. "Onde... no Marrocos?", gritavam. Um homem com um rifle na mão abriu caminho até a frente. "Vou mostrar a vocês como defender o povo", gritou. Ergueu o rifle e acertou o alferes no rosto.

Metade do rosto pareceu desaparecer. Sangue esguichou. Outros golpes choveram sobre o alferes. Ele estava morto antes mesmo de seu corpo atingir a rua. Houve uma explosão de aplausos. Angel Garcia, Durruti e eu gritamos para eles pararem, mas eles não quiseram ouvir. Dois soldados saíram. Eles correram pela praça. Durruti perdeu o controle deles. Gritamos para eles se conterem, mas eles estavam loucos por vingança. Eles se aglomeraram em volta do alferes, zombando, cheios de ódio. "Vocês mataram Ascaso", gritaram.

"Espere!", gritou Durruti. "Francisco está morto..."

"Sim!" interromperam. "Aqui está o assassino, desta vez eles vão pagar por isso!"

"Não se rebaixe ao nível deles", começou Durruti. "Lute contra eles, não assassine como eles..."

Eles começaram a se acalmar. Os outros soldados ficaram parados, aterrorizados. Agora, eles os soltaram.

Perto do que antes era o quiosque de bebidas dos condutores de bonde, encontrei um jovem soldado morrendo. Ele havia sido baleado, e eu lhe dei um pouco de rum.

"Talvez este seja o sujeito com a metralhadora", disse Angel. Mas não sabíamos disso. Talvez fosse o homem que silenciara o metralhador, um soldado que se aproximara de nós. Quem, naquele momento, conseguiria distinguir amigo de inimigo? Os enfermeiros vieram correndo enquanto gritávamos e o levaram.

Então houve pânico geral. O som de uma aeronave mergulhando. Um pequeno monomotor girava e subia sobre o mar. Estabilizou, rumou para o interior e mergulhou, aproximando-se cada vez mais. Abriu fogo novamente, as balas atingiram a cúpula do monumento.

O homem na cabine, descobri mais tarde, era um popular piloto acrobático local chamado Muntadas. Ele havia decidido por conta própria atacar o atirador no monumento. Mas chegou tarde demais.

Todos pensaram que era um fascista e correram para se abrigar. Felizmente, o piloto percebeu a mudança de situação a tempo e desviou.

Agora os tiros haviam cessado, com exceção de uma ou outra rajada de tiros de precisão. Todos comentavam animadamente sobre a vitória conquistada.

"Agora você verá, a Itália e a Alemanha vão intervir para proteger seus amigos", disseram eles. "É guerra!"

Os jornais socialistas e comunistas fizeram grande alarde disso. Eles haviam formado a Frente Popular, que agora tinha maioria parlamentar. Era certo, eles sentiam, que se o Eixo entrasse, seus amigos no exterior também entrariam. A Frente Popular estava no poder na França, sob liderança socialista e com apoio comunista. Quanto à Rússia, quem entre eles poderia duvidar que seria a primeira na luta contra Hitler?

A essa altura, a cidade velha de Barcelona estava inteiramente nas mãos do povo. Enquanto lutávamos na área das Ramblas e do porto, houve uma grande batalha no Paralelo, a estrada principal que ligava a cidade velha a Madri. Garcia Oliver, Ricardo Sanz e outros organizaram a construção de uma grande barricada de paralelepípedos que foi erguida para impedir a entrada de tropas na cidade vindas do quartel de Lepanto. Cerca de dois mil soldados nesse quartel marcharam sobre as barricadas. Mas os oficiais não conseguiram ordená-los que avançassem, apesar das ordens do Capitão-General. Muitos dos soldados eram recrutas e não tinham gosto

para o trabalho. Houve algumas escaramuças e mortes. Mas depois de um tempo, as tropas recuaram.

Em todos os lugares era a mesma história. "O que esse governo idiota está fazendo? Por que não entrega armas ao povo?" Os arsenais do governo estavam trancados e trancados contra o povo. O Exército era o único poder legal que poderia retirá-los e o Exército estava em revolta. "Eles estão esperando até que Hitler entre, ou o quê?"

Em Madri, as coisas estavam indo bem, ouvimos dizer. A rebelião havia sido contida com facilidade. Na maior parte do país, o Exército estava sitiado, confinado em suas guarnições, incapaz de fazer mais do que resistir às pessoas que o cercavam, como no famoso cerco de Alcázar. Zaragoza era outra história. O Exército estava em força lá e lutava desesperadamente com a CNT. Se o governo tivesse liberado as armas para a CNT, a guerra teria terminado em uma semana. O poderio militar ofensivo dos generais na Espanha havia sido esmagado pelos trabalhadores que agora tentavam invadir as guarnições. Era desesperadamente urgente que as armas fossem liberadas antes que o Exército no Marrocos se movesse. Lá, ele tinha armas em abundância. Era disciplinado, pronto. Também tinha mercenários mouros, embora a maioria das pessoas considerasse impensável que, em uma guerra civil com os espanhóis, os generais de direita superpatriotas usassem tropas mouras.

Dentro de Barcelona, a fortaleza de San Andreas havia se rendido no dia 21. De lá, o canhão usado por Flecha havia vindo. Mas havia fortes cercando a cidade que tinham um suprimento adicional de soldados. De fato, embora eu não soubesse na época, havia colunas de tropas que haviam partido na tentativa de se reunir em torno da Capitania-Geral, mas isso foi impedido por multidões de milhares e milhares, apenas alguns dos quais estavam armados. Os soldados poderiam ter passado, mas somente por um massacre geral.

Eram tropas de conscritos e não o fariam. Seus próprios parentes poderiam estar no meio da multidão. Eles levantaram as armas e confraternizaram. Os oficiais fugiram.

Em algumas partes da cidade, a multidão incendiou as igrejas. Isso aconteceu em toda a Espanha. Durante anos, encontrou-se um padre governando com absoluta arrogância e em estreita cooperação com o proprietário de terras local. Quando

descobre que algum trabalhador não vai à igreja aos domingos e prefere passar o tempo na loja de vinhos, manda chamar a esposa do homem, a catequiza e a avisa. Se o marido dela não aparecer, no dia seguinte, parado como gado para ser contratado pelo proprietário, ele se vê preterido no trabalho. Logo o marido entende o recado. Então, em tempos de distúrbios civis, uma multidão saqueia a igreja. O padre foge. Professores de cabelos grisalhos e óculos de aros dourados escrevem, em seus tranquilos estudos de clausura no exterior, que isso se deve à influência dos anarquistas espanhóis, que — com calor e poeira, exaustos da batalha contra as autoridades, voltaram à aldeia exaustos para arengar à multidão com vozes roucas de fadiga para que não se envolvesse em tal atividade inútil.

Houve atrocidades naquele dia em Barcelona? Houve várias. Em muitos casos, a multidão invadiu os quartéis da polícia armada e da prefeitura, os locais onde foram espancados e torturados. Naturalmente, eles não tolerariam gentilezas ao lidar com os soldados ou a polícia quando estes estivessem em rebelião.

Mas, em muitos casos, a polícia os recebia com garantias brandas de lealdade à República. "Estamos cumprindo nosso juramento, somos leais à Constituição", diziam. "Ontem, os mantivemos presos — isso é verdade. Era nosso dever. Hoje, estamos lidando com fascistas, rebeldes, traidores! Entendemos que vocês são anarquistas, que não querem uma força policial. Muito bem, mas vocês devem entender que agora têm aliados que acreditam no Estado — os republicanos, os socialistas, os comunistas. Estamos servindo à Constituição, viva a Frente Popular!" Esses policiais se mostravam ainda mais assíduos na tortura e fuzilamento dos prisioneiros fascistas que possuíam. Muitos deles talvez não fossem fascistas, apenas pessoas de classe média que simpatizavam com o Exército ou com a direita em geral. Mas a polícia precisava demonstrar seu entusiasmo para encobrir seu passado suspeito e um futuro ainda mais suspeito. Eles, mais do que ninguém, insistiam que nenhuma arma fosse entregue ao movimento sindicalista, que era a única força real que estava travando o Exército.

Antes do fim do dia, soubemos que mais uma coluna de tropas pretendia se render. Isso acontecia na Rue Diagonale, uma via principal nos arredores da cidade.

"Ótimo", eu disse quando ouvi. "Venham e nós aceitaremos a rendição deles."

Havia um jovem capitão lá, com duzentos homens. Ele era um bom falante. "Não temos intenção de lutar contra os espanhóis", disse ele. "Tenho ordens de Goded, mas não as estou obedecendo."

Dissemos a ele que Goded havia sido capturado. Ele demonstrou surpresa e alegria.

"Deixem os homens voltarem para suas casas e famílias", eu disse. "A guerra contra os espanhóis acabou para vocês."

Mais tarde, eu poderia ter me arrependido do meu erro, o único que cometi naquele dia. O oficial provavelmente já sabia que Goded havia sido capturado. Ele só queria se livrar de uma situação difícil. Deveríamos ter mantido os soldados conosco. Eram boas tropas, e seu valor propagandístico teria induzido outros soldados a se juntarem a nós. Mas, como estavam, partiram, ainda com as armas. A maioria deles deixou Barcelona, e provavelmente muitos deles acabaram se juntando ao Exército Regular novamente — o Exército de Franco. Era a carreira deles. Tínhamos nos deixado enganar.

Mas esse foi o fim da tentativa do Exército de tomar nossa cidade. Ao cair da noite, houve combates esporádicos com simpatizantes falangistas e outros elementos de direita, mas o Exército estava fora de combate. Quando os rebeldes civis souberam do colapso do Exército, a luta perdeu o ânimo. Barcelona era nossa em menos de 24 horas. A virada aconteceu quando Manuel arrastou aquele velho 75 até a galeria e explodiu o ninho de metralhadora. Depois que o Capitão-General se rendeu, não havia ninguém para dar ordens. Nem havia nenhum oficial superior com o desejo e a coragem de lutar contra a cidade inteira.

Fui para casa. Tinha sido ensanguentado. Tinha atirado, talvez morrido. Tinha estado envolvido em algumas cenas horríveis que não gostaria de ver novamente. Mas Barcelona era nossa, pertencia ao povo. Eu estava exausto demais para dormir e meu sangue corria. No meio da noite, peguei meu rifle e caminhei pela cidade. Havia muitas pessoas que eu conhecia das lutas sindicais ao longo dos anos fazendo o mesmo. "Salud!", gritavam. Aqui e ali, fogueiras queimavam. As brigadas corriam pelas ruas, sinos tilintando. Aqui, saqueadores haviam incendiado lojas e armazéns, até mesmo algumas casas particulares pertencentes a falangistas conhecidos ou políticos de direita. Os bombeiros tentavam salvar os tesouros artísticos de uma das igrejas.

Muitos jovens dançavam pelas praças, cantando, batendo os pés, rindo. "Barcelona é nossa!", gritavam enquanto eu passava.

Tranquillo (Giuseppe Ruozzi)

19 DE JULHO EM BARCELONA

Durante muito tempo, os oficiais superiores do exército arquitetaram uma vasta conspiração contra a república para estabelecer uma ditadura fascista e monárquica. Não está claro por que o governo se deixou surpreender por este golpe que quase o pulverizou. O fato é que o governo sabia dessas práticas mais ou menos secretas, mas não queria ou não sabia como tomar as medidas necessárias. Prendeu vários fascistas de terceira ou quarta categoria, mas deixou os executivos em paz.

A morte de Sotelo, um deputado monarquista e fascista, foi a faísca que deu aos conspiradores o pretexto para lançar o golpe que vinha sendo preparado há muito tempo. O governo havia feito algumas transferências nos quadros superiores do exército, mas, por um lado, não colocou os "suspeitos" em posição de não poderem causar nenhum dano, por outro, os substituiu por outros personagens da mesma espécie. Assim, ambos puderam continuar seu trabalho preparatório sem serem perturbados. Quando a revolta eclodiu, o governo não pôde deixar de entregar algumas armas, muitas das quais antiquadas, à frente antifascista que foi criada no último momento.

A insurreição militar começou no Marrocos, mas também na Espanha propriamente dita, ela já era sentida no ar há muitos dias, e por várias noites os partidos subversivos permaneceram acordados e armados nas sedes de suas respectivas organizações. Assim, o despertar da manhã de 19 de julho com o estrondo dos tiros de canhão, o clamor das metralhadoras e o crepitar dos rifles não surpreendeu ninguém; talvez até tenha causado um pouco de alegria na classe média, que acreditava poder começar a vislumbrar o fim da agitação operária que se tornava mais intransigente a cada dia.

As sirenes das oficinas chamavam as forças proletárias às armas. Barcelona tinha assumido a aparência de uma cidade em guerra. Nenhum bonde, nenhum veículo em circulação. Todas as lojas estavam fechadas. Apenas pessoas armadas nas ruas. Das janelas e varandas, os curiosos, muito numerosos, acompanhavam as fases da luta sob a fumaça dos canhões e a evolução dos aviões que lançavam bombas sobre os quartéis em revolta. Nas portas, formavam-se pequenos grupos, para desaparecer ao primeiro

tiro dos fascistas emboscados atrás das janelas. Os mais ousados reuniam-se em torno dos pequenos grupos de revolucionários armados com velhos rifles e pistolas. Assim que chegava um caminhão carregado de armas, homens, mulheres e meninos, eles o atacavam e lutavam pelas armas. Os guardas de assalto misturavam-se com os camaradas da confederação e da federação anarquista.

Os primeiros soldados que saíram à rua sob as ordens dos fascistas foram os do quartel de Pedralba, que chegaram quase sem obstáculos à Plaza Cataluña, o lugar mais excêntrico da cidade, onde se concentram todas as riquezas da burguesia. Ali se localiza a central telefônica e, nas proximidades, a sede da polícia, a grande Via Layetana que leva ao mar, o quartel da Capitanería, o novo distrito militar, o grande quartel e arsenal de Atarazarta, que em vão os anarquistas e os sindicalistas tentaram invadir na noite de 8 de janeiro de 1933.

Esta tropa teve que se juntar à outra, vinda do quartel de artilharia no Parque. Mas a conjunção não pôde se concretizar devido à rápida reação popular. No entanto, os soldados desordeiros, mal equipados, chegaram à Piazza Catalogna, instalaram metralhadoras e canhões e atiraram imediatamente nos primeiros prisioneiros que capturaram, em grupo, na praça, a título de exemplo.

Grupos revolucionários de todas as tendências se alinharam contra esses soldados, misturados à guarda civil, guardas de assalto, guardas financeiros, mozzi di squadra (polícia catalã) e policiais municipais armados. Os soldados, que estavam embriagados há três dias com vinho e bebidas alcoólicas e com os discursos patrióticos com os quais foram levados a acreditar que precisavam lutar contra a ralé que se levantara para derrubar a república, quando se viram diante das forças regulares da república lutando junto com o povo, entenderam que haviam sido enganados; a resistência começou a enfraquecer e as tropas acabaram não obedecendo mais às ordens dos líderes, que tiveram que escapar para dentro do Hotel Colombo, onde, após uma tentativa de barricada, foram feitos prisioneiros.

Ao mesmo tempo, vários quartéis foram atacados: o de Aterazana, onde o camarada Francesco Ascaso teve uma morte gloriosa; o de Barcellonetta, o do Parco e o de Santo Agostinho. Em Barcellonetta, cinco canhões foram tomados.

Nessas ações, todos lutaram bravamente, desde os de Esquerda aos socialistas, dos comunistas aos anarquistas, dos guardas de assalto à guarda civil. Certamente é

quase espantoso ver policiais e anarquistas lutando juntos no fogo da batalha, e andando juntos em carros com bandeiras vermelhas e inscrições com as seis iniciais: CNT e FAI, que todo automóvel tinha que carregar. E ouvir os guardas de assalto gritarem "Viva a CNT e a FAI" parece algo de outro mundo. Mas revoluções são assim.

Um povo em armas reencontra todos os seus filhos. A confraternização estava completa. Nos fuzis, a cocar vermelha e preta. A senha era: CNT. Os passes tinham que ter seu carimbo. Nos intervalos de descanso, todos os combatentes confraternizavam nos restaurantes comunitários da Confederação e da frente popular, desde o fim da greve até a sexta-feira seguinte. Policiais e carabineiros tributaram piedosos louvores aos combatentes anarquistas por sua grande bravura na luta, e brindaram juntos.

A asfixia do movimento fascista em Barcelona custou muito sangue proletário, mas o fascismo não acabou.

A batalha mais difícil foi a de domingo e segunda-feira, com combates por toda parte. Os fascistas, escondidos nos conventos, nos campanários das igrejas, metralhavam qualquer um que se aproximasse, combatentes ou não, e até mesmo a Cruz Vermelha, de modo que foi necessário que os revolucionários os expulsassem com bombas. As vítimas foram numerosas.

Um homem gravemente ferido teve que permanecer no chão por longas horas sem qualquer assistência, pois as enfermeiras do hospital próximo foram alvejadas das janelas de um convento e tiveram que suspender os esforços de resgate. A população acabou perdendo a paciência e incendiou todos os conventos e igrejas. A catedral foi salva, mas o palácio episcopal foi incendiado. O fogo purificador durou vários dias, enquanto a alegria da população continuava. Pelo menos nove décimos das igrejas e conventos de Barcelona agora são apenas ruínas.

Estima-se que nossos mortos sejam cerca de quinhentos, e os feridos, alguns milhares. São muitos, mas certamente teriam sido mais se os próprios soldados não tivessem se rebelado contra as ordens de seus oficiais em muitos bairros. Em outros, lutaram com relutância e não se esforçaram tanto quanto poderiam. Com tudo isso, foi necessária uma enorme concentração de forças antifascistas para desalojar o fascismo de seus focos. E ele ainda não foi derrotado em todos os lugares. Saragoça, Toledo,

Sevilha e muitos outros centros da Espanha ainda estão infestados por eles. Milhares de voluntários estão partindo de Barcelona contra os fascistas de Saragoça, e também de Madri, contra outros centros.

Os bombardeios aéreos contribuíram enormemente para a vitória do antifascismo em Barcelona. Os seguidores da CNT e da FAI contribuíram significativamente para a luta nas ruas, tanto em número quanto em coragem. Essas organizações sempre tomaram a iniciativa.

Muitos oficiais superiores e subordinados pagaram a pena por sua traição.

Os anarquistas não queriam que essa conta continuasse sem pagamento. Muitos mortos já haviam sido deixados no chão, e em retaliação o inimigo havia sido atroz. E até mesmo os padres e frades não tiveram piedade ao metralhar o povo em seus conventos e igrejas. No exterior, podem dizer o que quiserem, mas foram precisamente os monarquistas, os fascistas e os padres os primeiros a atacar, e é justo que o povo os ataque com sua vingança. É uma pena que os quartéis não tenham sofrido o mesmo destino das igrejas, igrejinhas e conventos, dos quais não resta muito além das paredes externas em ruínas.

Agora, a batalha se concentra em torno de Zaragoza, onde cerca de dez mil fascistas organizados militarmente, juntamente com a população convocada às armas, se defendem ferozmente. Igualmente perigosos são os outros centros de concentração fascista, mas a população está reagindo em todos os lugares. Novos grupos de defesa estão surgindo por toda parte, e todos concordam na determinação de não se deixarem mais desarmar.

Será possível exigir isso? Certamente, o governo começa a demonstrar o desconforto que sente diante de um povo em armas. Em Madri, decretou-se a proibição de circular armado em carros e que cidadãos armados são obrigados a permanecer dentro dos quartéis. Esperemos que esses trabalhadores saibam se impor.

Em Barcelona, algo semelhante está prestes a acontecer. Eu mesmo vi as autoridades desarmarem dois camaradas que não tinham outro título além da carteira da CNT. Antes, bastava estar armado, agora não é mais suficiente. Os camaradas também devem denunciar suas próprias armas ao sindicato. A vontade de não deixar que as armas lhes sejam retiradas existe e é um bom sinal. No entanto, é claro que os que estão no poder insistem que a confraternização das forças policiais com os

revolucionários, especialmente anarquistas e sindicalistas, deve chegar ao fim. Agora, os órgãos que representam as autoridades constituídas estão viajando separadamente. Ainda saudamos o comunista com o punho cerrado no ar, mas tornou-se extremamente raro que membros das forças policiais gritem: "Viva a FAI e a CNT".

As cores vermelha e preta desapareceram, assim como as iniciais das duas organizações predominantes. A CNT reagiu. Sexta-feira, nos locais de controle, vi grupos de camaradas pintarem novamente as agora famosas seis iniciais, tão populares em dias de perigo. Também é notável que até mesmo os policiais estão começando a se tornar intolerantes aos cheques e carimbos da Confederação. Mas os confederalistas insistem nisso.

O ardor do povo não diminuiu. Esperamos que não estejam satisfeitos com o novo programa da frente popular, que é, mais ou menos, o aprovado pelo Congresso de Zaragoza. O fascismo sempre precisa ser derrotado, mas a derrota do fascismo deve ser apenas o início de uma era luminosa de liberdade e bem-estar.

Barcelona, 26 de julho de 1936

Tranquillo (Giuseppe Ruozzi)

Vol. XV, n. 33 de 22 de agosto de 1936

Vedetta

CARTAS DA ESPANHA

Os acontecimentos dos últimos dias alarmaram os grandes países europeus e americanos, que enviaram dezenas de navios de guerra às águas da península sob o pretexto de salvar seus compatriotas. Na realidade, seus compatriotas não correm perigo algum, embora alguns deles não sejam alheios à conspiração fascista.

Mas nem os navios de guerra de todo o mundo burguês, nem as cabras que o governo fascista da Itália envia aos mercenários de Franco, nem os aviões e os aviadores que o governo de Hitler lhe fornece, intimidam o povo ibérico, que confia na sua vitória.

Os jovens partem para a frente de Zaragoza alegres e contentes, cheios de ardor e entusiasmo, embora mal armados. A vitória final não pode falhar.

A luta é árdua. Só em Saragoça, o exército fascista conta com onze regimentos com os armamentos mais modernos. No resto da Espanha, a guerra se espalha por um vasto território, com picos que chegam a algumas dezenas de quilômetros de Madri.

Infelizmente, é preciso notar que, enquanto o povo é uma onda de ousadia e abnegação, o governo se preocupa mais com seu próprio prestígio do que com a liberdade do povo da Espanha.

Enquanto o inimigo está a um dia de marcha da capital, o governo só pensa em desarmar o povo e mantém os cidadãos antifascistas presos em suas prisões, por razões políticas. [1] Em Madri, não é mais permitido andar armado. Em Barcelona, as autoridades estão tramando algo bastante semelhante. Carros armados tornaram-se raros e devem ser autorizados com licenças especiais. Um cartão de membro da CNT não é mais suficiente para portar um rifle ou um revólver, é preciso ser membro da milícia antifascista, que não só serve na frente, mas também tem a função de segurança pública na "nova ordem revolucionária". Esquerda, socialistas e comunistas já desvinculam esse serviço com um ar marcial que seria a inveja de policiais profissionais. Os membros da CNT e da FAI, diante das exortações e da propaganda de certos líderes, fizeram prevalecer o bom senso e se limitarão a revistar e desarmar os fascistas e os inimigos do regime republicano.

Não consegui entender bem o que significa essa "ordem revolucionária" decretada pelo Comitê Antifascista. Por enquanto, é a ordem burguesa e a propriedade que estão sendo defendidas. O mendigo que ousa pegar um par de sapatos ou uma camisa é fuzilado, mas o capitalista e o patrão, que até ontem eram chamados de ladrões e exploradores, são respeitados. Mais uma vez, a ordem atual existe apenas no nome.

Diz-se agora que o problema mais urgente é derrubar o fascismo, e falaremos do resto mais tarde. E isso é muito bom. Mas tanto para derrubar o fascismo quanto para o que acontecerá depois, o povo precisa estar armado. Em vez disso, tenta-se desarmá-lo. A formação de corpos de milícias antifascistas regimentados e militarmente disciplinados não é uma forma de armar o povo; em vez disso, é um aspecto do desarmamento do povo que se busca. A hierarquia militar, a disciplina, o uniforme, os quartéis etc. retiram do cidadão o caráter de revolucionário, dando-lhe o de soldado. O proletariado não é mais um povo em armas, é um exército sob as ordens de um comando, que tem sua fonte no Estado.

Assim como na Rússia, os ditadores social-comunistas adoram se vestir com uniformes militares, assim como os pretorianos de qualquer monarquia ou ditadura burguesa, já vemos os líderes da Milícia Antifascista exibindo quepes de quartel e jaquetas de soldado.

O povo em armas significa que todos os cidadãos, individual e coletivamente, possuem as armas necessárias para defender sua própria liberdade e seu próprio direito, sem com isso renunciar à sua qualidade de produtores. Os trabalhadores espanhóis não precisaram de um estágio em um quartel para derrotar a conspiração fascista em Barcelona, em Madri e em muitas outras cidades. Agora, em vez disso, as coisas estão mudando. Aqui, para estar armado, não só a carteira de membro da CNT não basta mais, como é preciso estar inscrito na Milícia e fixar residência no quartel. Aqueles que retornam ao trabalho perdem o direito às armas. Não só o proletariado está sendo desarmado, como eles querem separar os produtores proletários dos combatentes proletários.

Um povo em armas assusta, principalmente entre aqueles que colhem os frutos de seu entusiasmo. E as barricadas são um pesadelo para os governantes. Os comitês

estão cedendo às demandas dos governantes da frente popular. Mas, felizmente, os militantes de cada partido se recusam a ceder, até agora, e as barricadas permanecem.

Assim que a luta começou, em 19 de julho, uma espécie de comunismo anarquista foi posta em prática. No primeiro dia, domingo, não houve sequer necessidade de requisitar o necessário para alimentar os combatentes. Todos trouxeram espontaneamente pão, carne, salame, frutas, ovos, óleo e tudo o que fosse necessário. Isso durou dois dias. Foi um esplêndido exemplo de solidariedade. Então começaram as expropriações forçadas e todos comeram nas cozinhas comunitárias. Com um pouco de boa vontade, seria possível continuar nesse caminho. Em vez disso, assim que a vitória se consolidou – estou falando de Barcelona – decidiu-se "restaurar a ordem pública": os vales entraram em uso, o oficialismo pretendia regular tudo para todos, a discórdia começou e, em vez de expropriações, houve requisições governamentais compensadas por meio de vales. A experiência de revoluções passadas ensina que esses "vales" não valem muito para quem os recebe, mas criam uma montanha de problemas para o governo responsável por eles. Enquanto isso, eles servem para manter o sistema legal da propriedade privada.

Inicialmente, foi decretado que o povo poderia retirar gratuitamente seus bens penhorados nas casas de penhores. Antes do início da retirada, com um novo decreto, objetos de ouro, joias e títulos comerciais foram excluídos. Finalmente, depois que os jornais divulgaram essa notícia, com júbilo, ao público, o governo anunciou que tal medida não havia sido decretada.

A população, portanto, continua com o pão garantido. A CNT foi encarregada de distribuir vales para restaurantes, cozinhas populares ou alimentos em espécie aos desempregados. A milícia antifascista continua a aplicar requisições com vales.

Ao contrário do que aconteceu em Madri, tanto os presos políticos quanto os de direito comum foram libertados em Barcelona na tarde de domingo, 19 de julho. Eles foram libertados pelos próprios guardas, que escancararam os portões das prisões; e muitos dos libertados, incluindo os de direito comum, corajosamente pegaram em armas e enfrentaram os primeiros confrontos.

Só que, passado o perigo, sintomas alarmantes se anunciam. A começar pelas notícias que temos, com certa frequência, de atos de vandalismo, fraude ou extorsão, inclusive praticados em nome da CNT e da FAI, esta última organização, a Federação

Anarquista Ibérica, publicou no jornal *Tierra y Libertad* de 30 de julho, com milhares de exemplares afixados e distribuídos pela cidade, um cartaz que se poderia pensar ter sido afixado na delegacia e uma declaração de guerra contra os pequenos e grandes criminosos em questão, contra os quais, sem dúvida, se impõe a pena de morte por fuzilamento. [2] Ora, por mais deploráveis que sejam os atos denunciados, parece-me que o remédio proposto pela FAI com seu manifesto é ainda mais deplorável. Enquanto alguns ilustres autores da conspiração fascista estão detidos a bordo de navios a vapor ancorados no porto, em cabines de primeira classe, parece-me exagerado e desumano atirar em pequenos ladrões que causam muito menos dano.

Veja bem, não defendo os saques feitos por motivos pessoais, nem aqueles infelizes que, de armas em punho, obrigam pobres a entregar cinquenta ou cem pesetas: mas não peço a pena de morte para eles e considero antianarquista compilar decretos como este. O chumbo está reservado para os inimigos, e em vez de sermos inexoráveis contra os miseráveis que praticam o mal por serem vítimas da ignorância e da pobreza, reservamos nossa fúria para o regime que os gera.

Implacáveis contra as instituições viciosas da ordem baseada no privilégio, devemos atacar aqueles que a defendem e a enfurecem, e não aqueles que são vítimas dela. Arautos de uma nova ordem, mais justa e equitativa, o cargo de carrasco deve nos repelir. Devemos dar à palavra justiça o significado e o conteúdo elevado que são a essência do nosso ideal. A partir do que se segue, os camaradas poderão ter uma ideia, espero, da situação neste momento. Os eventos acontecem e se sobrepõem com grande rapidez, e quando estas linhas virem a luz do dia, a situação poderá ser diferente.

Até agora, a revolução social se resume mais a votos do que a atos. Há uma guerra de morte contra o fascismo. Homens de todos os partidos de esquerda a reforçam e lutam ao lado do governo, e os enormes obstáculos que encontram demonstram quão arraigados ainda estavam os interesses e as castas da reação, também neste país. É uma guerra santa, para cuja vitória é necessário apelar a todas as forças audaciosas. O sucesso será tanto mais próximo e duradouro quanto mais amplamente se concretizarem as aspirações do povo em sua conquista. Ao contrário, já vemos os sintomas de uma inflexível desconfiança governamental em relação ao povo, com as primeiras tentativas de desarmamento e arregimentação.

Esses sintomas persistentes alertam sobre as dificuldades que serão encontradas assim que o inimigo for finalmente derrotado.

É de se esperar que os trabalhadores consigam resistir às tentativas de opressão do governo, assegurando as armas com as quais se defenderam do fascismo e com as quais terão que completar sua emancipação.

Vedetta

Barcelona, 2 de agosto de 1936

Vol. XV, n.º 34 de 29 de agosto de 1936

Notas

[1] O jornal El Socialista, no domingo, 2 de agosto — quinze dias depois da vitória do povo de Madrid sobre o golpe clerical-fascista — dá a notícia de “um ato louvável” que consiste nisto: «Os presos políticos antifascistas das Prisões de Madrid, de todas as tendências: comunistas, anarquistas, republicanos sem exceção, numa comovente carta dirigida à Ajuda Vermelha Internacional comunicam o seu desejo de que o tabaco que esta organização lhes envia seja enviado em vez disso aos combatentes que lutam na frente em defesa da democracia e da liberdade do povo... já que não lhes é possível ajudar os companheiros de outra forma...». O que pensar deste governo que mantém os seus apoiantes na prisão, enquanto os seus inimigos e os do povo ocupam pelo menos um terço do país e estão quase ao alcance da capital?

[2] O manifesto da FAI diz textualmente: «Chegaram-nos rumores gravíssimos. Dizem-nos que grupos armados que se dizem pertencentes à CNT, à FAI e ao Partido Operário Marxista de Unificação estão a realizar buscas domiciliárias e a cometer atos repugnantes ao espírito anarquista e à lei do povo. Como isto redundaria em detrimento do prestígio da nossa organização, cujos comités responsáveis não autorizaram nenhum destes atos de vandalismo, decidimos opor-nos a esta monstruosa irresponsabilidade, não só com palavras mas também com atos revolucionários implacáveis. Anexada ao Comité de Milícias Antifascistas funciona uma Comissão de Investigações que se encarregará de apurar todos os relatórios que sejam feitos sobre as atividades de elementos comprometidos no passado movimento fascista. Esta Comissão é a única, para além da Prefeitura Superior de Polícia, que a partir deste momento tem o direito de ordenar e realizar buscas domiciliárias. O que for feito à margem disto será arbitrário.

A FAI resolveu pôr fim a esses grupos de incrédulos, fora do controle de nossa organização, que, por qualquer motivo, desonram o movimento revolucionário do povo que se levantou em armas contra o fascismo. Não sabemos quais são esses elementos. Mas afirmamos com todo o vigor que, sejam eles quem forem, seus atos os denunciaremos, na melhor das hipóteses, como almas perturbadas nas quais o instinto vingativo do povo se adultera, despertando vozes primitivas aninhadas na alma de suas consciências.

A FAI, que se cobriu de glória nos últimos dias históricos vividos em Barcelona, a FAI que, como a CNT, foi a primeira na luta, em desprezo ao perigo permanente para os grandes ideais de liberdade, não apenas declara que não tem nada em comum com esses excessos, escória que flui de uma revolta do povo, mas está disposta a acabar com eles de forma radical e enérgica.

Somos inimigos de toda violência, de toda imposição.

Sentimos repulsa por todo o sangue que não é derramado pelo povo em suas grandes tarefas de justiça. Mas declaramos friamente, com terrível serenidade e com a inexorável intenção de fazê-lo, que se todos esses atos irresponsáveis que semeiam o terror em Barcelona não cessarem, procederemos à execução de todos os indivíduos considerados culpados de cometer atos contra a lei do povo, e de todos aqueles que conferiram, em seu próprio benefício, poderes que a organização confederal atribuiu especificamente a uma Comissão composta por elementos da frente de luta antifascista, elegendo dela os homens mais imparciais e honestos.

Dizemos como faremos, e faremos como dizemos. Barcelona sabe, e a Espanha e o mundo inteiro sabem, que os homens da FAI nunca deixam de cumprir os seus compromissos. Pela honra do povo de Barcelona, pela dignidade da CNT e da FAI, devemos pôr fim a estes excessos. E poremos fim a eles.»

A severidade do manifesto nem sequer é o seu maior defeito. A imprecisão da linguagem é ainda mais grave, pois pode facilmente estender sanções terríveis a qualquer forma de iniciativa individual que não encontre a aprovação daqueles que falam em nome da FAI.